

Salada ideológica tem o sabor de direita

Se as urnas confirmarem os resultados das pesquisas de opinião publicadas dentro do prazo legal, a primeira bancada parlamentar de Brasília no Congresso Nacional, embora pequena, certamente não será politicamente coesa. Os números ainda não são definitivos mas já é possível desenhar o perfil da provável representação de Brasília na Assembleia Constituinte que, em primeiro lugar, destoará das demais em pelo menos um ponto; a maioria dos eleitores é neófito em política partidária e enfrenta pela primeira vez o teste das urnas.

As prévias eleitorais mostram que os senadores e deputados eleitos por Brasília irão engrossar as fileiras da sustentação parlamentar ao Governo Sarney. O único candidato ao Senado com chances de vitória que critica abertamente as medidas adotadas pela Nova República, principalmente na área econômica, é Lauro Campos, do PT. Quanto aos demais até agora bem cotados, todos são do PMDB ou PFL, à exceção de Carlos Alberto Torres, cujo partido — o PCB — apóia a Aliança Democrática.

De um modo geral, a tendência dos candidatos favoritos ao Senado pende para o conservadorismo, a começar pelo radialista Meira Filho (PMDB), líder em todas as pesquisas, que sequer apresenta um projeto político concreto. Definindo-se como um homem de "centro", Meira vale-se da imbatível audiência do "Programa do Meira", na Rádio Planalto, para se manter como o candidato mais bem votado. Populista, suas mensagens pelo rádio são tão desprovidas de embasamento político quanto sua candidatura. Em seu simplismo chega ao ponto de defender, como principal proposta para a Constituinte, que a futura Constituição seja escrita de forma "clara, simples e facilmente compreendida e cumprida".

Como companheiro de chapa, Meira tem o empresário Lindberg Aziz Cury, que vem crescendo muito. Embora não seja um candidato de esquerda, Lindberg tem a seu favor uma progressista atuação como dirigente classista. Presidente da Associação Comercial do DF abriu as portas da entidade para promoções so-

ciais e políticas; acolheu militantes da esquerda; e posicionou-se favoravelmente à abertura política. Sob sua presidência, a ACDF preencheu a lacuna da ausência de uma Câmara de Vereadores ou Assembleia Legislativa, tornando-se fórum de debates e enfrentando, inclusive, o confronto com a polícia. Isto lhe vale, hoje, o apoio do PC do B.

COMBATIVIDADE

Mantendo-se em segundo

lamentar. Ex-deputado estadual e federal por Minas Gerais, cassado em 69, Murilo é o típico político mineiro, moderado, seguindo a linha do ex-presidente Tancredo Neves. Sobrinho do ex-presidente Juscelino Kubitschek, a quem nunca se esquece de citar em seus pronunciamentos, Carlos Murilo defende a participação dos comunistas na Constituinte e hoje lembra-se, sem amargura, de que foi considerado governador do DF por 24 horas, escolhido

Osório é uma incógnita enquanto político. Sabe-se, ao menos, que mantém um bom relacionamento com Sarney e o ministro Marco Maciel, tendo garantido a liderança do PFL local cedendo as salas para o funcionamento do partido, durante a campanha sucessória do presidente Figueiredo.

Um outro empresário, de menor peso econômico, concorre à mesma vaga de Osório e está lutando para ser o cabeça de chapa: Benedito Domingos, o perfeito candi-

curso guarda coerência com as teorias pregadas em salas de aula, contrárias ao pagamento da dívida externa brasileira; ao plano cruzado; à supremacia do capital sobre o trabalho; e a política de alianças da Nova República.

O presidente licenciado da Ordem dos Advogados do Brasil — seção DF, Maurício Corrêa não representa, aqui, o que o líder maior do seu partido, governador Leonel Brizola, representa para o Governo do presidente Sarney. Mais liberal do que oposicionista, Corrêa teve uma marcante passagem na OAB, de onde enfrentou o general Newton Cruz durante as medidas de emergência e foi indiciado em vários inquéritos por combater a repressão do regime militar. Sua linguagem, no entanto, é muito mais própria de um defensor da ordem jurídica do que de um político.

Carlos Alberto Torres milita no PCB — o "Partidão" — desde 67, mas durante a ilegalidade do partido abrigou-se no PMDB, do qual foi um dos fundadores e presidente no DF. Seu partido apóia o Governo Sarney, embora considere poucas as transformações políticas e sociais realizadas. Defende uma transição política pacífica e o fim do arcabouço legal do regime militar ainda em vigor.

O ex-governador José Ornellas, candidato do PL, também subiu nas últimas pesquisas e luta por uma cadeira no Senado. Ele carrega o peso de ter governado Brasília quando o jornalista Mário Eugênio foi assassinado, e é tido como amigo do então secretário de Segurança Pública, Lauro Riech, acusado de mandante do crime.

Estes são os favoritos, até o momento, para a eleição de senadores. Quaisquer que sejam os eleitos, certamente estará configurado um mosaico de posições políticos, estreates no cenário federal. Como primeiro passo, precisarão familiarizar-se com os corredores do Congresso. E, ao contrário dos demais parlamentares, desempenharão um papel a mais: o de vereadores, de uma cidade que não possui representantes comunitários.



Lindberg



Pompeu



Osório

Os nomes não mudaram muito desde as primeiras pesquisas divulgadas em Brasília



Carlos Murilo



Lauro Campos



Maurício Correa

lugar nas pesquisas aparece Pompeu de Souza (PMDB), tarimbado jornalista que, aos 70 anos de idade, conserva o mesmo discurso combativo do homem que enfrentou a ditadura getulista do Estado Novo e o regime militar de 64. Pompeu defende uma proposta reformista da sociedade e uma democracia "política, econômica e social" para que seja substantiva. Será, certamente, um parlamentar eloquente em defesa de uma Constituição avançada, ainda que conviente com a política do Governo federal.

Disputando a mesma vaga, pela sublegenda, está Carlos Murilo, o único candidato com experiência par-

por Tancredo Neves. Na Constituinte, defenderá a bandeira do juscelnismo.

O PFL tem chance de ocupar a terceira vaga, através do seu presidente regional, empresário Osório Adriano, que, ao contrário de Lindberg, nunca teve qualquer atuação em entidades de classe ou acontecimentos de cunho social e político (a não ser por ter fundado o PFL local). Osório sempre destacou-se como um homem de negócios, que fez de Brasília seu grande empreendimento. Aqui, possui concessionárias de automóveis, postos de gasolina e uma empresa de informática. Certamente mais um executivo do que legislador,

dato de uma cidade-satélite. Ele significa para Taguatinga, o que Lindberg significa para o Distrito Federal: fundou a Associação Comercial daquela cidade e ali promoveu debates com a comunidade. Conta com o apoio do governador José Aparecido, para superar o favoritismo de Osório na chapa do PFL.

Com aproximadamente as mesmas chances de se eleger, surgem nas pesquisas o professor Lauro Campos (PT), o advogado Maurício Corrêa (PDT) e o presidente do PCB, Alberto Torres, engenheiro eletrônico. Campos é o único candidato realmente de oposição e, nesta campanha política, seu dis-